

## Kepa Murua

ANTONIO MAURA

Ocupante da  
Cadeira 17  
dos Sócios  
Correspondentes  
na Academia  
Brasileira de  
Letras.

**K**epa Murua nasceu em 1962, na cidade costeira de Zarautz (País Basco). Desde muito cedo aprofundou-se no universo das letras. Tem interesse pela cultura em todas as suas formas: pintura, música, cinema... Mas vai ser na poesia onde encontra a sua raiz e a sua voz mais pessoal.

Seu estilo e forma são dum material evocativo que envolve ao leitor em qualquer dos gêneros que escolha: poesia, romance, ensaio, artigos... Ele responde à imagem do artista do século XXI que molda o seu passado, olha para o futuro e extrai todos os demônios que habitam nos espelhos do universo poético. O poeta é um incansável colaborador em projetos artísticos e editoriais, um atento humanista que não tem barreira nenhuma para uma poesia onde possa encontrar a sua própria forma.

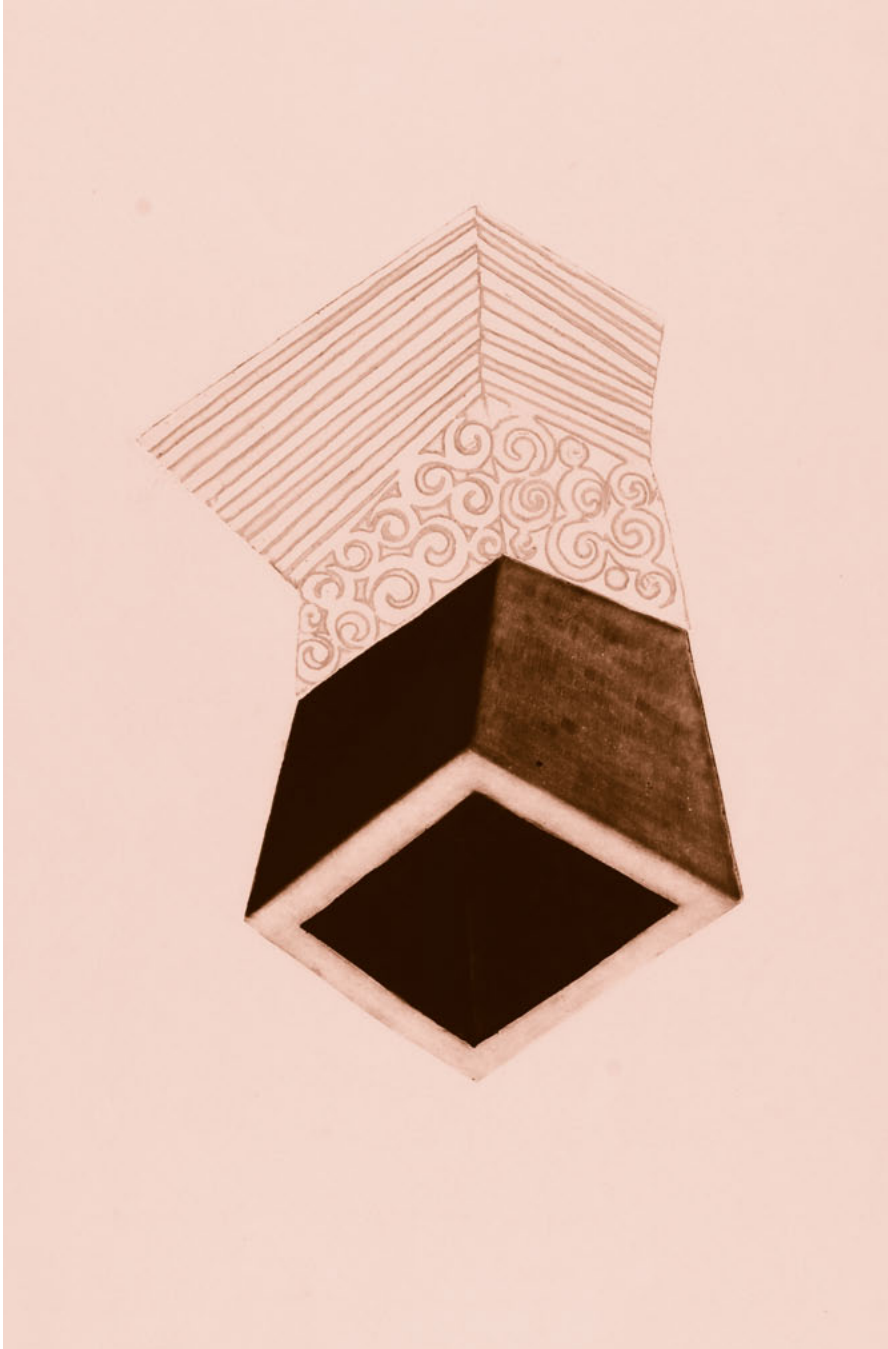
Escreveu os seguintes livros de poesia: *Siempre conté diez y nunca apareciste* (Calambur, 1999), *Cavando la tierra con tus sueños* (Calambur, 2000), *Un lugar por nosotros* (Germanía, 2000), *Cardiolemas* (Calambur, 2001),

*Las manos en alto* (Calambur, 2004), *Poemas del caminante* (Bassarai, 2005), *Cantos del días oscuro* (EI Gaviero, 2006), *No es nada* (Calambur, 2008), *Poesía sola, pura premonición* (Ellago Ediciones, 2010), *El gato negro del amor* (Calambur, 2011) e *Escribir la distancia* (Luces de Galibo, 2012). Os ensaios *La poesía y tú* (Bosquil Ediciones, 2003), *La poesía si es que existe* (Calambur, 2005) e *Del interés del arte por otras cosas* (Ellago Ediciones, 2007), e os livros de artista *Itxina* (Bassarai, 2004), *Flysch* (Bassarai, 2006) e *Faber* (Bassarai, 2009).

No Brasil tem publicado *Poemas* (tradução de Angela Pieruccini, Orpheu, 2001), *Antologia de Kepa Murua*, (tradução de Angela Pieruccini, Edições Maneco, 2002) e os seus poemas que incluem-se na *Antologia da poesia basca contemporânea* (tradução de Angela Pieruccini, Editora do Brasil, 2003).

No domínio do audiovisual, participou da gravação do seu diário filmado. No musical, seus poemas têm sido parte – junto ao músico Tasio Miranda – do projeto *Poemas y canciones* (Agruparte, 2007). Editou também a primeira parte de suas *Memorias de un poeta metido a editor* com o nome *Los pasos inciertos* (Milrazones, 2012), e, recentemente, publicou seu romance, *Un poco de paz*, onde a cidade e a voz do narrador amostram uma visão da solidão e da vida.

A tradução dos poemas é de Angela Pieruccini.



## I

*La poesía si es que existe*

*El poeta que no escribe escuchando su voz es un hombre acabado. El hombre que habla con las palabras de otros es un calco de su derrota. El poeta que piensa sólo en poesía cuando habla es un simulador que no sabe cómo colocar sus manos, el hombre que cierra los ojos es la imagen del sueño descubriendo su propia derrota. El poeta que quiere ser a todas horas poeta es un hombre mezquino tras un sendero de falsos prestigios. El hombre que sólo a veces se siente poeta es igual de mezquino, pero se sabe a salvo cuando descubre el pensamiento en fragmentos que retratan su vida con descaro. ¿Por qué quieres escribir de la soledad cuando no amas? ¿Por qué hablas de la vida si hace tiempo que estás muerto? El poeta que mira a otro lado es un libro abierto con la cobardía de su tiempo. El poeta que mira con los ojos abiertos encuentra al hombre midiendo el tiempo y la vida que se vislumbra a cada paso. El poeta que persigue su voz con el error de su sentimiento verá la luz aunque le llegue el silencio. El hombre que se retrata en silencio conocerá su afonía y su lamento, un grito que la poesía llenará de eco en cualquier momento. ¿Por qué entonces se huye del hombre como se huye de la poesía? ¿Por que la poesía finalmente muestra la felicidad que no acontece? El que no escucha al poeta es un cuerpo a la deriva. El que no encuentra la vida, un poeta sin futuro con el semblante de un hombre perdido.*

## I

## Poesia se é que existe

O poeta que não escreve escutando sua voz é um homem acabado. O homem que fala com as palavras de outros é um decalque de sua derrota. O poeta que pensa somente em poesia quando fala é um simulador que não sabe como colocar suas mãos, o homem que cerra os olhos é a imagem do sonho descobrindo sua própria derrota. O poeta que quer ser a todas horas poeta é um homem mesquinho atrás de um caminho de falsos prestígios. O homem que só às vezes se sente poeta é igualmente mesquinho, porém sabe-se a salvo, quando descobre o pensamento em fragmentos que retratam sua vida com insolência. Por que queres escrever da solidão quando não amas? Por que falas da vida se faz tempo que estás morto? O poeta que olha o outro lado é um livro aberto com a covardia de seu tempo. O poeta que olha com os olhos abertos encontra o homem medindo o tempo e a vida que se vislumbra a cada passo. O poeta que persegue sua voz com o erro de seu sentimento verá a luz mesmo que chegue o silêncio. O homem que se retrata em silêncio conhecerá sua afonia e seu lamento, um grito que a poesia encherá de eco em qualquer momento. Por que então se foge do homem como se foge da poesia? Por que a poesia finalmente mostra a felicidade que não acontece? O que não escuta ao poeta é um corpo à deriva. O que não encontra a vida, um poeta sem futuro com semblante de homem perdido.

## II

### *El frigorífico vacío*

*Un día de primeros de año,  
con el frigorífico vacío, es la alegría  
una ciudad triste que se aleja y bosteza.*

*Sus últimas monedas, que por esas fechas  
buscan trabajo en una ciudad  
que no duerme ni te acepta.*

*La noche de un año maldito  
para olvidar sus blancos ojos  
en una ciudad de falsas promesas.*

*Junto al fuego, ateridos de vergüenza,  
los amaneceres grises en un banco frío  
de enero y la ciudad que aún no despierta.*

*Con el árbol de las luces apagadas  
y la sien de los enfermos en un lugar  
cualquiera, que de todos nos aleja.*

*Entre cartones y bidones de fuego  
en el sueño de un rincón perdido.  
Esta ciudad que respirar no nos deja.*

## II

## O frigorífico vazio

Um dia dos primeiros do ano,  
com o frigorífico vazio, é a alegria  
uma cidade triste que se distancia e boceja.

Suas últimas moedas, que por essas datas  
buscam trabalho numa cidade  
que não dorme nem te aceita.

A noite de um ano maldito  
para esquecer seus brancos olhos  
numa cidade de falsas promessas.

Junto ao fogo, trêmulos de vergonha,  
os amanheceres cinzas num banco frio  
de janeiro e a cidade que ainda não desperta.

Com a árvore das luzes apagada  
e a têmpera dos enfermos num lugar  
qualquer, que de todos nos distancia.

Entre cartões e tambores de fogo  
no sonho de um rincão perdido.  
Esta cidade que não nos deixa respirar.

### III

#### *La buena letra*

*Cuando no tengas algo a mano  
sueña con un verso.*

*Si te han abandonado como a un perro,  
mira por la ventana y piensa  
en que mañana será un nuevo día.*

*No llames a ese desconocido que se desnuda  
con las ventanas abiertas  
de su cuerpo enfermo.*

*Cuando en ese momento.  
Cuando no tengas nada más que el recuerdo.*



## III

## A boa letra

Quando não tenhas algo à mão  
sonha com um verso.

Se te abandonaram como a um cão,  
olha pela janela e pensa  
em que manhã será um novo dia.

Não chames a esse desconhecido que se desnuda  
com as janelas abertas  
de seu corpo enfermo.

Quando nesse momento.  
Quando não tenhas nada mais que a lembrança.

## IV

### *Aquel otro pellejo*

*Se juraron amor para siempre.  
Se juraron fidelidad hasta que la muerte  
hiciera acto de presencia.  
Se juraron tratarse con respeto y dignidad.  
Él habló de ternura. Ella  
de la amabilidad y algún que otro reproche.*

*Se prometieron jóvenes y felices.  
Se prometieron con aquel futuro  
que tenían por delante.  
A imagen y semejanza de los galanes  
y actrices de antaño,  
se prometieron amor sin avergonzarse.*

*Y ahora ella gime con los ojos morados.  
El cuerpo del delito, como si tocara  
otro pellejo que sólo a ella le pertenece.  
También tiene miedo.  
Sabe que la próxima vez no tendrá tanta suerte.*

*Y ahora él ni se da por vencido ni se arrepiente.  
La próxima vez reconocerá el grito  
su dolor y su espasmo.  
Lo juro por mis muertos, dice.  
Lo juro por el odio que te tengo, puta.*

*Donde se prometieron pasión ahora vive el odio.  
Donde hubo luz, el temor y el engaño.  
Los ojos de los niños miran asustados.  
Los dedos palpan las heridas a tientas.  
También mañana, si hoy no hemos muerto.*

## IV

## Aquele outra pele

Juraram amor para sempre.  
Juraram fidelidade até que a morte  
fizesse ato de presença.  
Juraram tratar-se com respeito e dignidade.  
Ele falou de ternura. Ela  
de amabilidade e alguma que outra censura.

Prometeram-se jovens e felizes.  
Prometeram-se com aquele futuro  
que tinham pela frente.  
A imagem e semelhança dos galãs  
e atrizes de antigamente,  
prometeram amor sem envergonhar-se.

E agora ela geme com os olhos violeta.  
O corpo do delito, como se tocasse  
outra pele que somente a ela pertence.  
Também tem medo.  
Sabe que a próxima vez não terá tanta sorte.

E agora ele nem se dá por vencido nem se arrepende.  
A próxima vez reconhecerá o grito  
sua dor e seu espasmo.  
Juro por meus mortos, disse.  
Juro pelo ódio que tenho de ti, puta.

Onde se prometeram paixão agora vive o ódio.  
Onde houve luz, o temor e o engano.  
Os olhos das crianças miram assustados.  
Os dedos apalpam as feridas às cegas.  
Também amanhã, se hoje não estivermos mortos.

## V

### *El poeta anciano*

*Esa sed que te arrastra la mirada  
de tus ojos, cuando enfermo,  
miras a tu pueblo a oscuras.*

*Una última ráfaga de luz  
con tu rostro y la mirada de tus hijos  
que crecen con ese odio que os traga y te lleva.*

*El recuerdo de lo que escribiste en un rincón  
de tu cara enferma y extenuada  
que en los labios cerrados y resecos se renueva.*

*La muerte son esos días en coma, sin paladar  
ni gestos obscenos, que con una última palabra  
sostiene un vaso de agua.*

*No tiene sentido lo que escribiste.  
Ningún poema fue mejor que otro.  
Creías en las palabras como otros labraban la tierra.*

*Esa ausencia prolongada de tus ojos  
para descubrir esa amargura  
que a tus hijos arrastra y quema.*

*La muerte es un tema como otro cualquiera.  
Una versión celeste que a los poetas acompaña  
su biografía entera.*

## V

## O poeta ancião

Essa sede que arrasta a mirada  
de teus olhos, quando enfermo,  
olhas teu povo às escuras.

Uma última rajada de luz  
com teu rosto e o olhar de teus filhos  
que crescem com esse ódio que os engole e te leva.

A lembrança do que escreveste num rincão  
de tua cara enferma e extenuada  
que nos lábios cerrados e secos se renova.

A morte são esses dias em coma, sem paladar  
nem gestos obscenos, que com uma última palavra  
sustentam um vaso de água.

Não tem sentido o que escreveste.  
Nenhum poema foi melhor que outro.  
Acreditavas nas palavras como outros lavravam a terra.

Essa ausência prolongada de teus olhos  
para descobrir essa amargura  
que a teus filhos arrasta e queima.

A morte é um tema como outro qualquer.  
Uma versão celeste que aos poetas acompanha  
sua biografia inteira.

## VI

### *Donde decirte*

*Si pudiera decirte tan sólo que las palabras  
hacen daño y que tarde o temprano  
se olvidan, no te lo diría.*

*Si supiera quererte como se ama  
a quien no se tiene o está lejos,  
te rogaría que me olvidaras.*

*Si hubiera una palabra más alta que la otra  
donde decirte que las palabras  
son como los hechos, te lo diría.*

*Pero dónde, dónde puedo encontrar  
lo que nadie busca y existe,  
si en nada ni en nadie creo.*

## VI

## Onde dizer-te

Se pudesse dizer-te tão somente que as palavras  
fazem dano e que tarde ou cedo  
se esquecem, não te diria.

Se soubesse querer-te como se ama  
a quem não se tem ou está distante,  
te rogaria que me esquecesses.

Se houvesse uma palavra mais alta que a outra  
onde dizer-te que as palavras  
são como os fatos, te diria.

Mas onde, onde posso encontrar  
o que ninguém busca e existe,  
se em nada nem em ninguém acredito.

## VII

### *Autorretrato con sueño*

*La pobreza de sentirnos humillados,  
sobrios de vida, ebrios por el deseo,  
tocados con una vestimenta raída.*

*La miseria de escuchar nuestras voces  
recordando viejos tiempos. Saboreando  
momentos intensos y felices caminando entre rastros.*

*De ser adúlteros desliziándose  
en extrañas camas. Un beso con la lengua  
de una devoción compartida, pero triste.  
El precipicio de la furia, el abismo  
de nuestro pulso cuando despertamos  
con el sexo humillado entre las piernas.*

*La rareza de sabernos huérfanos  
en los claros de la noche, entre la luz  
y la escoria de nuestros desencajados rostros.  
Envejecidos por el viaje osado del tacto  
y la nostalgia. Empequeñecidos como todo placer,  
que inhumano, aparece y desaparece, en un instante.*

*Como la vida misma que en gestos prohibidos  
se descubre a solas y sin palabras  
uniendo su desnudez al irreconocible aliento.  
El alma combada hacia la tierra.  
Los dientes largos. Y el recuerdo desnudo  
de un abrazo imperecedero sobre el frío suelo.*



## VII

## Autorretrato com sonho

A pobreza de sentir-nos humilhados,  
sóbrios de vida, ébrios pelo desejo,  
tocados com uma vestimenta puída.  
A miséria de escutar nossas vozes  
recordando velhos tempos. Saboreando  
momentos intensos e felizes caminhando entre restos.

De ser adúlteros deslizando  
em estranhas camas. Um beijo com a língua  
de uma devoção compartilhada, porém triste.  
O precipício da fúria, o abismo  
de nosso pulso quando despertamos  
com o sexo humilhado entre as pernas.

A rareza de saber-nos órfãos  
nos claros da noite, entre a luz  
e a escória de nossos desencaixados rostos.  
Envelhecidos pela viagem ousada do tato  
e a nostalgia. Empequenecidos como todo prazer,  
que inumano, aparece e desaparece, num instante.

Como a vida mesma que em gestos proibidos  
se descobre a sós e sem palavras  
unindo sua nudez ao irreconhecível alento.  
A alma curvada até a terra.  
Os dentes longos. E a lembrança desnuda  
de um abraço imperecível sobre o solo frio.

## VIII

### *Como si el mundo*

*En esta próspera ciudad, los días pasan  
si los minutos descubren desesperados  
la eternidad de las horas.*

*Es un lugar perdido en el mapa  
entre pájaros y piedras a la deriva  
un grito en alguna sombra cercana.*

*Los días pasan en esta ciudad desprovista de pasiones  
porque ese daño que palpita, crece por segundos  
como una ausencia que se desmorona.*

*Es el cadáver maquillado  
en una habitación abandonada  
con una ventana al fondo.*

*Un sueño que robado a la memoria  
en humedad terca pero leve  
descubre el rostro, como si nada.*

## VIII

## Como se o mundo

Nesta próspera cidade, os dias passam  
se os minutos descobrem desesperados  
a eternidade das horas.

É um lugar perdido no mapa  
entre pássaros e pedras à deriva  
um grito em alguma sombra próxima.

Os dias passam nesta cidade desprovida de paixões  
porque esse dano que palpita, cresce por segundos  
como uma ausência que desmorona.

É o cadáver maquiado  
numa habitação abandonada  
com uma janela ao fundo.

Um sonho que roubado à memória  
em humidade constante porém leve  
descobre o rosto, como se nada.

## IX

### *Ha pasado tanto tiempo*

*Escribir de aquello que fue  
como la eternidad que creímos  
reconocer en el amor.*

*Sentir un te quiero y pensar  
que es para siempre,  
aun sabiendo que no lo es.*

*Engañarnos si en el ardor de las sábanas  
vemos buir a la piel del frío  
que nuestro sueño desnudo viste.*

*El amanecer con los ojos abiertos  
y ese respirar que siente y dice:  
estoy dormida, estoy contigo.*

*Y saber que las horas dibujan el paso  
del cuerpo, como una traición o un beso  
como solemos hacerlo a menudo.*

*Recordar con palabras fugaces  
aquello que en la incertidumbre del abrazo  
guardó la ilusión del tiempo.*

*Y cubrirnos con la mirada si mi mano  
toca tu mano. Y esa sombra sigilosa  
mansamente nos descubre, unidos.*

## IX

## Passou tanto tempo

Escrever daquilo que foi  
como a eternidade que acreditamos  
reconhecer no amor.

Sentir um te quero e pensar  
que é para sempre,  
mesmo sabendo que não é.

Enganar-nos se no ardor dos lençóis  
vemos fugir a pele do frio  
que nosso sonho desnudo veste.

O amanhecer com os olhos abertos  
e esse respirar que sente e diz:  
estou adormecida, estou contigo.

E saber que as horas desenham o passo  
do corpo, como uma traição ou um beijo  
como costumamos fazê-lo a miúdo.

Recordar com palavras fugazes  
aquilo que na incertidão do abraço  
guardou a ilusão do tempo.

E cobrir-nos com o olhar se minha mão  
toca tua mão. E essa sombra sigilosa  
mansamente nos descobre, unidos.